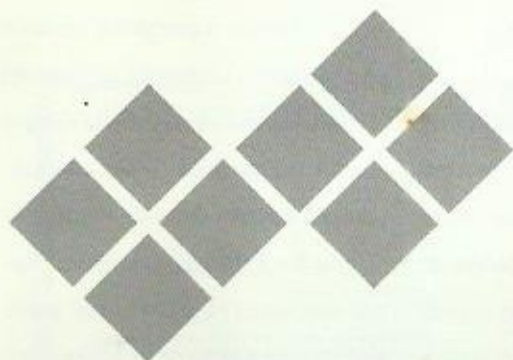


# arte & educação

EDIÇÃO ESPECIAL EM COMEMORAÇÃO AO TROFÉU ESTÁCIO DE SÁ - DEZEMBRO DE 2006



**ESCOLINHA  
DE  
ARTE NO BRASIL**

DESDE 1948 REFERÊNCIA  
EM ARTE EDUCAÇÃO

**ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL  
PRÊMIO ESTÁCIO DE SÁ  
CATEGORIA - EDUCAÇÃO  
2006  
CONCEDIDO PELO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA**



*Orlando Miranda, Fernando Pamplona, Anna Maria Rattes, Isabela Frade, Zoé Chagas Freitas, Rosza Zolads e Maria Lúcia Freire.*

  
VIVA BRASIL

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE  
**funarte**  
MINISTÉRIO DA CULTURA

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS



## **NOTA DO EDITOR**

A Escolinha de Arte do Brasil - EAB vem apresentando nesta edição a continuação de seu projeto "De Portas Abertas Até Você", desenvolvido em parceria com a Ong Viva Brasil e com apoio da Fundação Nacional de Arte - FUNARTE do Ministério da Cultura.

O projeto teve como principal objetivo a ampliação da proposta educacional pregada pela EAB e sua integração com outras instituições de caráter cultural, educacional, social, assistencial e recreativo visando estender a possibilidade de um contato com a Arte/Educação além dos muros da Escolinha.

Nessa nova edição do projeto foram firmadas novas parcerias e introduzidas novas formas de expressão artística como a oficina de graffiti.

Aliado ao programa de oficinas reativamos o Curso Intensivo de Arte/Educação - CIAE produzindo farto material sobre a EAB e a história de Arte/Educação no Brasil que servirá para atender estudiosos e pesquisadores no futuro. Para o encerramento do projeto elaboramos uma mesa redonda onde contamos com o apoio do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher - CEDIM, onde foram debatidos os rumos da Arte/Educação.

Cabe registrar que a existência da EAB e a história da Arte/Educação são inseparáveis.

Prestes a completar 60 anos de existência, a Escola de Arte do Brasil, vencedora do Prêmio Estácio de Sá de Educação - 2006, concedido por unanimidade de votos pelo Conselho Estadual de Cultura, ainda tem como objetivo maior possibilitar a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu compromisso com a sociedade, promovendo através da realização de trabalhos criadores a integração Arte/Educação/Comunidade.

### **ARTE E EDUCAÇÃO**

Uma publicação da EAB/Escolinha de Arte do Brasil  
Av. Carlos Peixoto, 54 a 60 - Botafogo  
Rio de Janeiro/RJ - Brasil - tel. (21) 2295 4898  
Edição de Dezembro 2006

Coordenação editorial: Orlando Miranda  
Editora-assistente: Claudia Camanho  
Consultoria: Moema Quintanilha  
Fotos: Carolina Sa Ferreira  
Pesquisa: Claudio Caparica  
Projeto gráfico: Editora Teatral Ltda

### **ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL**

#### **I - DIRETORIA**

Presidente: Orlando Miranda  
Vice-presidente: Wagner Siqueira  
1º Secretário: Alexandre Mendes Nazareth  
2º Secretário: Valério Rodrigues  
1º Tesoureiro: Celso Cardoso Coelho  
2º Tesoureiro: Solange Maria Dias de Brito  
Diretora-técnica: Rosza W. vel Zoladz

#### **II - CONSELHO FISCAL**

Efetivos  
Ary Ferreira de Macedo  
Irapoan Cavalcanti de Lyra  
Moema Sanchez Quintanilha

Roberto Daniel Parreira  
Edson Jarbas Olimecha

Suplentes  
José Ilclemar Nunes Ferreira  
Celeste Alice Lacerda

#### **III - CONSELHO CONSULTIVO**

Zoe Chagas Freitas  
Ilo Krugli  
Luiz Áquila  
Lúcia Leme  
Luiz Carlos Saroldi  
Katty de Almeida Braga  
Irene Maira J. Telles  
Cecília Conde  
Rosa Magalhães  
Zivaldo Alves Pinto  
Maria Pompeu

*A Escolinha de Arte do Brasil mantém convênios com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, Departamento do Patrimônio Imobiliário do Estado, Funarte, Ministério da Cultura.*

### **AGRADECIMENTOS: (Ordem Alfabética)**

Anna Maria Rattes	Antonio Grassi	Clécio José de Souza	Maria Helena Garcia	Maura Torres
Miriam Lewin	Maurício Marques Santos	Moema Quintanilha	Rogério Bernardino	



## PRÊMIO ESTÁCIO DE SÁ/2006 CATEGORIA EDUCAÇÃO

Todos os anos o Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro confere o Prêmio Estácio de Sá as personalidades e intuições que tenham se destacado, prestando

serviço de relevância em sua área de atuação.

Indicada desde o ano de 2001 por respeitáveis instituições, a Escolinha de Arte Brasil - EAB vem, no ano de

2006, alcançar por unanimidade de votos, esta digníssima premiação na categoria Educação.

### INDICAÇÕES

• NÚCLEO DE ARTE DA URCA 

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2006 de 2006.

Ao Conselho Estadual de Cultura,  
Nesta

Na qualidade de diretora da NUA - Núcleo de Arte da Urca, Escola de Educação Infantil, tenho a liberdade de indicar a este Respeitável Conselho, a Escolinha de Arte do Brasil - EAB - fundada há 58 anos por Augusto Rodrigues, ao prêmio Estácio e Sá de Educação.

Justifico a indicação que faço, pelos excelentes serviços prestados a Arte/Educação ao longo de seus anos de existência, na formação cultural de gerações de jovens e crianças quanto ao fazer e apreciar arte.

Outra atuação meritória da EAB se refere à capacitação de educadores para que a Arte/Educação seja uma realidade nas escolas, formando pessoas mais sensíveis mais capazes de ler o mundo e transformá-lo.

Senhores Conselheiros, A EAB tem sido o cenário de idéias e conhecimentos relacionados à Arte/Educação, referência para todos aqueles escolas que optaram pela arte como fio condutor de seu Projeto Político Pedagógico.

Atenciosamente,

  
Celso Paranhos Pimenta  
(Diretora)

Av. Alameda São Sebastião, 117 - Urca - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22291-970  
Tel: (21) 2206-0994 e-mail: escolinadearte.com.br

Núcleo de Arte da Urca

Rio de Janeiro, 06 de outubro de 2006

Ao Conselho Estadual de Cultura

Senhores Conselheiros

A Funarte tem nos últimos anos apoiado a Escolinha de Arte do Brasil, entidade sem fins lucrativos, que desempenha papel preponderante no cenário cultural da cidade, principalmente com atividades voltadas para a arte-educação.

Cabe salientar que a Escolinha altera o panorama do ensino artístico, multiplicando as experiências na área de arte e educação.

Assim, é que temos o prazer de indicar a este conselho a mencionada instituição para o prêmio Estácio de Sá de educação, como forma de reconhecer o trabalho que vem sendo desenvolvido a mais de quatro décadas.

Na certeza de manifestação favorável desse Conselho na concessão de tão relevante prêmio a tão importante entidade, ficamos a disposição.

  
Myriam Lewin  
Diretora Executiva

Funarte

"Conheço a Escolinha de tempos imemoriais. Augusto Rodrigues e Zoé Chagas Freitas conduziram-me a ama-la e a testemunhar-me o grau de heroísmo, dificuldades e combates em favor da boa causa."

*Ricardo Cravo Albim*

Ricardo Cravo Albim

  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Campus Du Siqueira

Rio de Janeiro, 20 de setembro de 2001

Ofício GR Nº 0027/2001

Senhor Presidente,

A Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO tem o prazer de indicar a Escolinha de Arte do Brasil, para o Prêmio Estácio de Sá na categoria de EDUCAÇÃO, para este ano de 2001, conforme regulamento deste Conselho do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Estou indicando a Escolinha de Arte do Brasil, em razão de seus serviços prestados ao longo de seus 53 anos de existência.

Trata-se de uma instituição merecedora de homenagem considerando a sua realidade em favor da Arte Educação, que se insere como precursora no Brasil.

  
Paulo Novello  
Reitor

A Sua Senhoria o Senhor  
Presidente Luiz Ernildo de Melo Filho  
Conselho Estadual de Cultura  
Av. Euzébio Braga, 116 - 10º andar

AVENIDA PASTEUR, 230 - URCA - RIO DE JANEIRO - RJ - CEP: 22290-900  
TELEFAX: 250-0348 / 250-2400 E-MAIL: reitor@unirio.br

UNIRIO



**Sociedade Brasileira de Autores Teatrais**  
 Fundação em 17 de setembro de 1972  
 Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Decreto 6.022 de 04/08/2007  
 CNPJ 12.046.854/0001-02

Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2001

Para  
 Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro  
 Sr. Luiz Eduardo de Melo Filho - Presidente  
 Rua Lameris Braga, 118 - 10º andar  
 Maracanã

A SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, vem por meio desta indicar a Escóla de Arte do Brasil, para o Prêmio Estácio de Sá, em nome do Estado do Rio de Janeiro, em 2001, concedido ao melhor autor.

O público e abrangente o critério a ser adotado para esse prêmio é "Escóla de Arte do Brasil", em nome do Estado do Rio de Janeiro, tendo em vista o caráter de incentivo ao desenvolvimento da arte teatral.

Referendamos ao Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, pelas importantes serviços que presta à Educação, sempre em sintonia com o governo do Brasil em Arte-Educação.

Atenciosamente,  
 Carlos Roberto Pereira  
 Presidente de SBAT

**UNião de Indústrias de Bens de Consumo**  
 Associação de Indústrias de Bens de Consumo do Estado do Rio de Janeiro - UNIBEN  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

**SBAT**

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2001

**Sr. Sr. Presidente do Conselho Estadual de Cultura**

O Museu Nacional de Belas Artes tem o prazer de sugerir o nome de Escóla de Arte do Brasil, de acordo com o regulamento desse prêmio concedido pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, em 2001, concedido ao melhor autor.

A Escóla de Arte do Brasil tem prestado inúmeros serviços e demonstrado eficiente trabalho, durante 33 anos de sua existência no campo e atividades de Arte-Educação e que a faz merecedora do alarde prêmio.

Além do valor da Escóla de Arte do Brasil, temos a de mais trabalho que esta Fundação foi realizada pelo senhor Ariano Azevedo Rodrigues, agradecendo a atenção de V. Sa. subscritores em nome coletivo assinados.

*Melissa Lopes*  
 Melissa Lopes  
 Diretora de MNBA

Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

**MNBA**



**Associação Rio de Teatros de Bonecos**

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2001

Prezado Sr. Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro,  
 Sr. Luiz Eduardo de Melo Filho - Presidente  
 Rua Lameris Braga, 118 - 10º andar  
 Maracanã

Prezado Senhor,

Concordamos em indicar a Fundação de Arte e Progresso, para o Prêmio Estácio de Sá, em nome do Estado do Rio de Janeiro, em 2001, concedido ao melhor autor.

O público e abrangente o critério a ser adotado para esse prêmio é "Escóla de Arte do Brasil", em nome do Estado do Rio de Janeiro, tendo em vista o caráter de incentivo ao desenvolvimento da arte teatral.

Referendamos ao Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, pelas importantes serviços que presta à Educação, sempre em sintonia com o governo do Brasil em Arte-Educação.

Atenciosamente,  
 Eric Nielsen  
 Diretor

**UNião de Indústrias de Bens de Consumo**  
 Associação de Indústrias de Bens de Consumo do Estado do Rio de Janeiro - UNIBEN  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

**Associação Rio de Teatros de Bonecos**



**Fundação de Arte e Progresso**  
 Diretoria do Estado de Indústrias e Comércio  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

Rio de Janeiro, 06 de outubro de 2001

Prezado Sr. Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro,  
 Sr. Luiz Eduardo de Melo Filho - Presidente  
 Rua Lameris Braga, 118 - 10º andar  
 Maracanã

Prezado Senhor,

Concordamos em indicar a Fundação de Arte e Progresso, para o Prêmio Estácio de Sá, em nome do Estado do Rio de Janeiro, em 2001, concedido ao melhor autor.

O público e abrangente o critério a ser adotado para esse prêmio é "Escóla de Arte do Brasil", em nome do Estado do Rio de Janeiro, tendo em vista o caráter de incentivo ao desenvolvimento da arte teatral.

Referendamos ao Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, pelas importantes serviços que presta à Educação, sempre em sintonia com o governo do Brasil em Arte-Educação.

Atenciosamente,  
 Fernando Augusto de Moraes  
 Diretor

**UNião de Indústrias de Bens de Consumo**  
 Associação de Indústrias de Bens de Consumo do Estado do Rio de Janeiro - UNIBEN  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

**CEDIM/RJ**



**CASA DAS ARTES DE LARANJEIRAS**

Av. Presidente do Conselho Estadual de Cultura  
 Sr. Luiz Eduardo de Melo Filho  
 Rua Lameris Braga, 118 - 10º andar

Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 2001

Prezado Senhor,


A CAL - Casa das Artes de Laranjeiras, orgulha-se de indicar a Fundação de Arte do Brasil para o Prêmio Estácio de Sá, em 2001, concedido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Referendamos o nome da "Escóla de Arte do Brasil", ao Conselho de Cultura do Estado, tendo em vista os importantes serviços que presta à Educação, sempre em sintonia com o governo do Brasil em Arte-Educação.

Atenciosamente,  
 Eric Nielsen  
 Diretor  
 Fundação Casa das Artes de Laranjeiras

**UNião de Indústrias de Bens de Consumo**  
 Associação de Indústrias de Bens de Consumo do Estado do Rio de Janeiro - UNIBEN  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

**Casa das Artes de Laranjeiras**



**Fundação de Arte e Progresso**  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

Rio de Janeiro, 06 de outubro de 2001

**AO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA**

A FUNDAÇÃO DE ARTE E PROGRESSO vem a presença deste Honre Conselho fazer a indicação da FUNDAÇÃO DE ARTE DO BRASIL - FARB para o PRÊMIO ESTÁCIO DE SÁ DE EDUCAÇÃO pelo excelente trabalho prestado à Arte-Educação ao longo dos seus 38 anos de existência.

*Fernando Augusto de Moraes*  
 FERNANDO AUGUSTO DE MORAES  
 Diretor

**UNião de Indústrias de Bens de Consumo**  
 Associação de Indústrias de Bens de Consumo do Estado do Rio de Janeiro - UNIBEN  
 Rua do Brasil, 100 - 10º andar - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20001-000

**Fundação Progresso**





Governo do Estado do Rio de Janeiro  
Secretaria de Estado de Cultura  
CONSELHO ESTADUAL de CULTURA

### *Diploma*

*O Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro,  
no uso de suas atribuições e em cumprimento ao Decreto n.º 39.821/2006,  
por escolha do Plenário do Colegiado, concede o  
Diploma do Prêmio Estácio de Sá, categoria Educação, à*

### *Escolinha de Arte do Brasil*

*Rio de Janeiro, RJ, 28 de novembro de 2006*

*João de Paiva Albuquerque*  
João de Paiva Albuquerque  
Presidente do Conselho

*[Signature]*  
Oswaldo Alves Pereira  
Secretário de Estado de Cultura



## ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL VIVA BRASIL - FUNARTE

### Programa "De Portas Abertas Até Você"

A Escolinha de Arte do Brasil - EAB em parceria com a Associação Viva Brasil e com o apoio da Fundação Nacional de Arte - FUNARTE do Ministério da Cultura acaba de realizar a 2a. edição do projeto "De Portas Abertas Até Você".

O projeto foi realizado em três etapas distintas. Na primeira etapa foram realizadas diferentes oficinas de arte em instituições de caráter educacional, assistencial, social ou meramente recreativo, conforme quadro demonstrativo a seguir. Coincidindo com este momento, ocorreu o reinício das atividades do



Curso Intensivo de Arte/Educação - CIAE realizado na sede da EAB, desta vez com a inclusão da oficina da graffiti ministrada pelo professor e artista Cristiano "Preá".

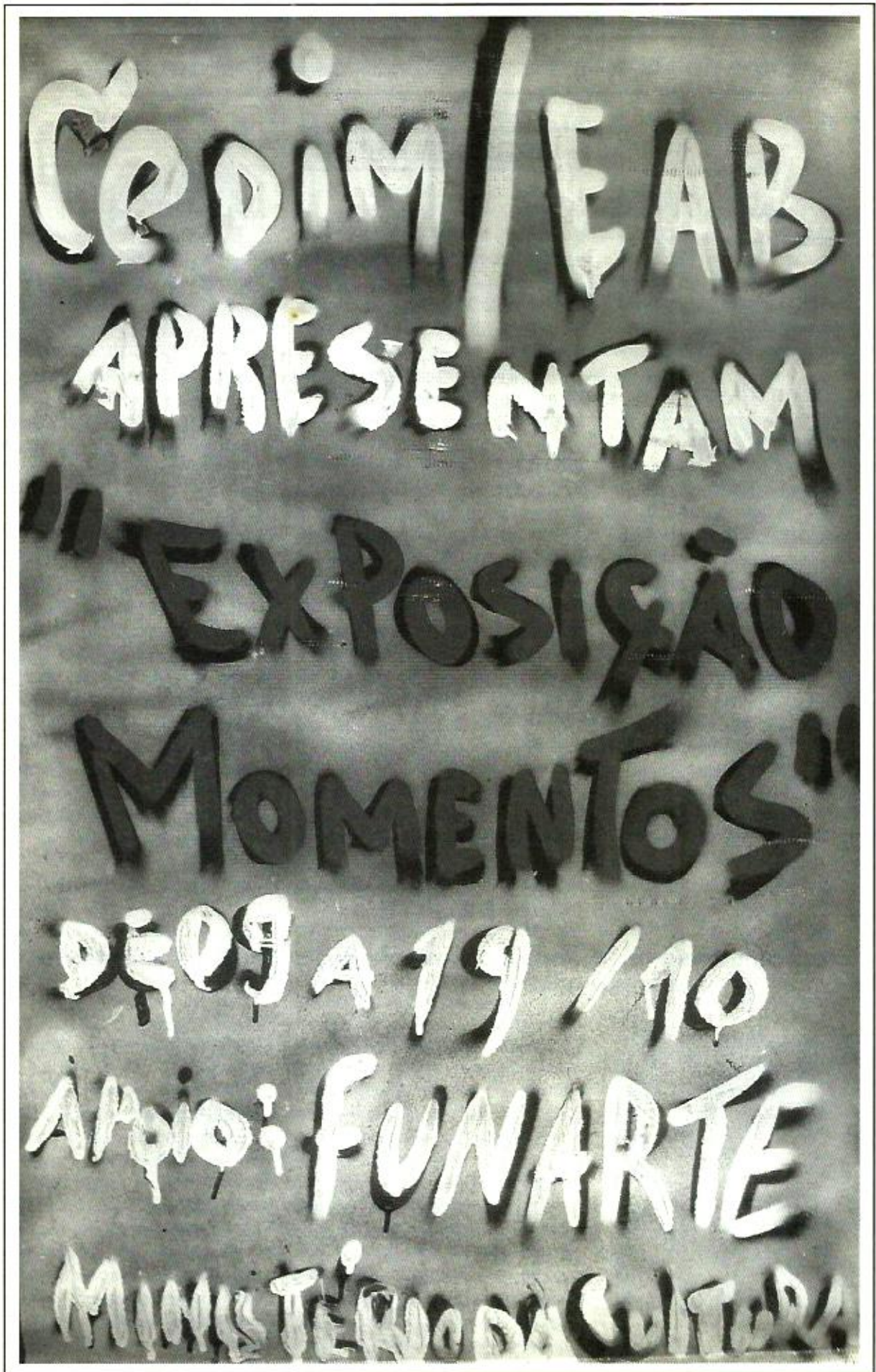
Na segunda etapa, sob a curadoria de Maria Helena Garcia, foi realizada

na Sede do Conselho estadual dos Direitos da Mulher - CEDIM a exposição "Momentos". Uma homenagem à EAB e a seu fundador Augusto Rodrigues onde foram apresentados alguns dos inúmeros trabalhos de alunos e ex alunos que compõem o acervo da Escolinha.

Por fim, a realização da Mesa Redonda de Tema "Experiências e Perspectivas da Arte/Educação" ocorrida no dia 17 de outubro de 2006, na sede do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher - CEDIM que patrocinou o evento.

1 - OFICINAS			
Data	Local	Atividade	Ministrante
24/08	ESCOLA MÉXICO	CERÂMICA	HELENA TRIGO
28/08	ESCOLA M. GERAIS	DESENHO	LEDA RAUTER
01/09	ONG SPECTACULUM	GRAFFITI	PREÁ
25/09	CEDIM	FAZEN. TRANSF.	MOEMA QUINTANILHA
02/10	CASA DOS ARTISTAS	CESTARIA	HERONIDES SIQUEIRA
03/10	UERJ	CARTONAGEM	ELIAS SOUSA
04/10	HOSPITAL PINNEI	JOGOS TEATRAIS	EDUARDO TORNAGHI
21/10	CASA DE PASCAL	MÁSCARAS	MARCÍLIO BARROCO
2 - CIAE - CURSO INTENSIVO DE ARTE/EDUCAÇÃO			
<b>Público Alvo:</b> Profissionais e futuros profissionais ligados a educação. Composta por diversas oficinas (Aulas aos sábados).			
3 - PESQUISA E EXPOSIÇÃO			
Apresentação de trabalhos e registro dos 58 anos da EAB através de documentos escritos e fotográficos.			
4 - MESA REDONDA			
Tema: Experiências e perspectivas da Arte/Educação.			
Local: Sede do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher CEDIMAR. Rua Camerino, 51 - Centro - Rio de Janeiro.			
Data: 17 de out. de 2006 às 10h.			
<b>PARTICIPANTES:</b> - Rosza Zolads - Zoé Chagas Freitas - Fernando Pamplona - Maria Lúcia Freire - Isabela Frade			
Abertura: Dra. Anna Maria Rattes			
Mediação: Orlando Miranda			
Coordenação: Moema Quintanilha			
Apoio:		   	





Banner confeccionado na técnica do graffiti de autoria de Cristiano - Preá.



## MESA REDONDA SOBRE ARTE EDUCAÇÃO

### Experiências e Perspectivas da Arte/Educação

#### APRESENTAÇÃO

Abertura e Encerramento – **DRA. ANNA MARIA RATTES** – Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher – CEDIM, Sub Secretária Adjunta de Políticas Públicas para Mulheres, foi Deputada Federal atuante na CFRB/88.

**PROF. ZOÉ CHAGAS FREITAS** – Educadora, Ex-diretora da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Ex. Membro do Conselho Estadual de Cultura, Ex Presidente e uma das fundadoras da SOBREART, participou da fundação da Escolinha de Arte do Brasil – EAB onde exerceu a Vice Presidência durante muitos anos, coordenou o 1º Congresso Latino Americano de Educação através da Arte, presidiu o XXI Congresso Mundial de Arte/Educação, fundou e presidiu o Teatro de Títeres Unidos, Teatro de Fantoches e Sombra Chinesa, responsável pela criação e edição do Jornal Arte & Educação.

**PROF. ROSZA ZOLADS** – Professora Adjunta da Escola de Artes

da UFRJ, Doutora em Sociologia do Conhecimento pela Université de Tout na França como bolsista da UNESCO, Pós Doutorada na área de Estudos Culturais do Programa na área de Estudos Culturais do Programa Avançado da EAB, onde lecionou para crianças e participou de vários cursos intensivos de Arte/Educação.

**PROF. MARIA LÚCIA FREIRE** – Artista Plástica, Arte/Educadora e Professora de Educação Artística, Autora do livro Imagens da Arte Brasileira, colaborou com a elaboração das propostas curriculares para a Educação Artística destinadas às Escolas Públicas do Estado do Rio de Janeiro. Assessorou o programa de Educação Artística para os CIEPS, foi segunda secretária da SOBREART.

**PROF. FERNANDO PAMPLONA** – Educador, Cenógrafo, Diretor e Professor da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade Federal do Rio

de Janeiro. Lecionou na Escola de Artes Dramáticas Martins Pena. É considerado um divisor de águas na história do carnaval carioca, pois influenciou toda uma geração de carnavalescos, foi duas vezes membro do Conselho Estadual de Cultura, integrou o Conselho Estadual de Teatro, participou da Fundação da Associação de Artistas Plásticos Contemporâneos, Ex. Professor da Escolinha de Arte do Brasil – EAB.

**PROF. ISABELA FRADE** – Professora Adjunta do Instituto de Artes da UFRJ, Mestre em Teoria da Cultura e Doutora em Ciência da Comunicação da ECA – USP, aluna de Augusto Rodrigues e Dolores Campos, filha de Cássia Frade que também foi professora da EAB, chefe do Departamento de Ensino de Arte e Cultura Popular, Coordenadora da linha 3/ Arte, Cognição e Cultura do Mestrado em Artes da UFRJ, Coordenadora do Projeto de Extensão em Cerâmica Viva.

#### DEBATE:

**Mediação: Orlando Miranda**  
Presidente da OAB

**Coordenação: Moema Quintanilha**



**ABERTURA DE ANNA MARIA RATTES:** “Bom dia a todos! É um prazer estar aqui com vocês neste

*evento, que é um desdobramento de uma oficina que aconteceu aqui. Uma oficina de criação dirigida pela professora Moema Quintanilha, que deu nestas bonecas tão lindas e que nos fizeram resolver por uma exposição. E da exposição imaginamos uma homenagem ao Orlando Miranda que já foi Presidente da Sociedade de Amigos aqui do espaço cultural. Ao mesmo tempo fazendo uma homenagem ao Professor Augusto Rodrigues que é o fundador da Escolinha de Arte, pessoa que admiramos e louvamos por todo o empenho a importância*

*que teve na área de educação e cultura.*

*Então, é uma honra muito grande sediar este evento da Escolinha que, mais uma vez vem ratificar esse nosso compromisso de proximidade, de produtividade, de estímulo e incentivo a Arte Educação.*

*Sendo esta aqui uma casa de mulheres, tem tudo a ver com que a Escolinha de Arte faz também no sentido de criar, já que a mulher pela sua própria natureza é uma criadora. Então, mais uma vez estamos aqui reafirmando esta parceria através da Escolinha de Arte. Muito Obrigada!”*



## “ESCOLINHA DE ARTE NO BRASIL” 58 anos de Artes Educação

### Primeiro Momento



Fala de Zoe Chagas Freitas:

### NA SOCIEDADE PESTALLOZZI DO BRASIL SEGUNDO SEMESTRE DE 1947

Eu fazia parte de um grupo de professores de um curso que D. Helena Antipoff achava importantíssimo: A Recreação Infantil.

Era nosso professor Augusto Rodrigues.

Augusto mais tarde, me contou que ele já fazia junto com as crianças, nos jardins da cidade, o que ele viria fazer, depois na Escolinha de Arte. Ele levava papel, lápis de cor, barro, tintas distribuía entre as crianças e ele mesmo desenhava junto a elas. Foi o início da Escolinha que ele vinha imaginando e gostaria de realizar.

Encontrou na grande educadora Helena Antipoff, um apoio excepcional.

Um dia, ele trouxe uma jovem para nossa aula, pequena, magrinha, que se chamava Lucia Alencastro Guimarães. Ela foi a grande incentivadora, a primeira antes de Noêmia, que deu seu apoio importante à Escolinha, e que é esquecida e precisa ser lembrada, porque ela foi o braço direito de Augusto Rodrigues.

Lucia foi minha professora, também, porque quando Augusto não podia vir ela tomava o lugar dele no curso. Ela tinha sido aluna de Belas Artes, trabalhara na Fundação Osório e fora aluna de Guignard. Uma pessoa com muita experiência e Augusto só se beneficiou, assim como a Escolinha da presença dela.

Em 1948 eu estava ajudando D. Helelna na Pestalozzi, quando ela me convidou para ir a inauguração da Escolinha de Arte do Brasil.

Então, eu tive este privilégio de estar presente de modo que eu não me considero uma fundadora da Escolinha. Eu não ajudei a fundar a Escolinha. Eu era aluna de Augusto Rodrigues e Lucia Alencastro.

Estava presente na fundação e mais tarde tornei-me aluna da Escolinha, no curso de gravura de Oswaldo Goeldi.

Eles, os três, iniciaram esse trabalho lindíssimo que a E.A.B.

Eu já tinha fundado a minha Escola, um Jardim de Infância, em Copacabana, na Rua Goulart, que se chamava Clube de Recreação Infantil.

A inauguração da Escolinha na biblioteca do IPASE foi inesquecível, porque tinha todo tipo de gente; intelectuais, políticos, professores, “socialites”, artistas famosos... e amigos de rua de Augusto.

Anos mais tarde quando ia à casa de Augusto no Boticário, o mesmo estilo; Ministros, intelectuais, artistas, “socialites” e aí entrava o vendedor de passarinhos, que era um filósofo e ficava horas conversando conosco, com muita sabedoria.

No verão a Escolinha se mudava para o Club de Recreação Infantil e minhas professoras e eu ganhávamos, pois aplicávamos na minha Escola os ensinamentos da Escolinha.

O Clube de Recreação Infantil foi a primeira Escola primária no Rio, a introduzir Arte e Educação no seu currículo.

Lembro-me de anos depois em 1978, no Congresso de Arte/Educação da INSEA – UNESCO, em Adelaide, Austrália, uma professora inglesa, apresentou um trabalho, que fizera muito sucesso, em Londres e todo mundo de boca aberta a ouvi-la. Eu me levantei da cadeira, pedi falar e disse que em 1948, no Brasil já tinha sido feita essa experiência.

Aí, o queixo dê todo mundo caiu.

No Rio de Janeiro? No Brasil?

Que criatividade a cabeça de Augusto Rodrigues! Foi uma época muito especial. O Rio capital do país vivia um momento de grande ebulição intelectual.

Sãimos de uma guerra com vontade de fazer mudanças.

Mudar a política do Brasil. Uma democracia implantada. Mudar... mudar.

A segunda Grande Guerra foi um marco. Mesmo nós, de longe, sofríamos com aquela barbaridade.

Fiz um curso de enfermagem de guerra, para seguir com as tropas para front. Augusto se ofereceu para levar burros para os ingleses, no norte da África. Felizmente, nossos serviços não foram aceitos.

A mudança essencial seria através da educação.

Em 1943, em plena guerra, Herbert Read lança o livro: “Education Through Art”. Uma evolução na Educação. Os educadores brasileiros como Anísio, Helena Antipoff, Augusto discutiam os ensinamentos do livro.

Dra. Nise de Silveira, depois de ler o livro, com vários artistas plásticos, começou através da Arte a libertação, para o esquizofrênicos. Um momento rico, extraordinário!

Nise da Silveira e Augusto Rodrigues pensando e fazendo Arte/Educação.

Uma, libertando os esquizofrênicos, o outro libertando as crianças.

Poucos anos depois, Augusto ganha o prêmio Artistas do Ano e uma estada de dois anos, na Europa.

Fica na Inglaterra muitos meses.

Lucia Alencastro à frente da Escolinha, com o auxílio de Oswald Goedi, foi a grande lutadora, que sustentou a Escolinha na ausência de Augusto.

Neste período eu dirigia a Pestalozzi em crise, ajudava a Escolinha e trabalhava na minha Escola.



Dois anos depois, Augusto retorna com novas idéias.

Na Inglaterra, Augusto conheceu Hebert Read e outros grandes professores, convidou-os para virem ao Brasil e eles vieram. Conheceu grandes artistas ingleses. Fez um curso de Arte/Educação.

Tudo isso sem falar uma só palavra de inglês. A única frase que sabia dizer era "tomorrow please". Augusto, um gênio!

Ao chegar, já não queria a Escolinha, do jeito que ele fundara. Pensava na formação do professor e no curso que queria organizar: O Curso Intensivo de Arte / Educação.

Nesta época chega ao Rio o novo adido cultural inglês, que se tornou um grande amigo de Augusto e da Escolinha. Através dele vários alunos, professores, foram estudar Arte Educação, na Inglaterra.

Através de Augusto, Noêmia Varella, professora na Escolinha de Arte do Recife, vai Londres, para o curso de Arte/Educação dirigido por Read.

Ao voltar de Londres, Augusto e convida para dirigir o curso Intensivo de Arte Educação da Escolinha.

Um acontecimento dasagradável acontece. Lucia Alencastro se sentindo desprestigiada, se retira da Escolinha.

#### Aparte de Maria Lúcia Freire:

*"Só para lembrar que como Augusto não falava inglês, ele contava que quando ia ao Consulado lá na Inglaterra, ou ia receber uma pessoa em alguma festa, todo mundo chegava perto dele e falavam, falava, falava e ele só respondia: "Tomorrow please!" E vinham outros e ele respondeu a mesma coisa: "Tomorrow, please." Daí veio o adido e perguntou: " - Augusto, porque você responde para todo mundo a mesma coisa? E Augusto disse: " - Ora, eu não sei quem ele é, não sei o que ele está fazendo, não sei para o que está me convidando, então eu respondo tomorrow please, porque depois eu pergunto quem ele é... "De forma que estas eram as únicas palavras que eu sabia falar em inglês..."*

#### Aparte de Fernando Pamplona:

*"Aí disseram para o Augusto não ficar no Soho até tarde porque o Soho depois das 20h. era pior que a Lapa*

*no tempo de Madame Satã. Só que ele tomou umas e outros e ficou, aí, veio um assaltante e ele disse: Tomorrow, please!"*



#### Fala de Rosza Zolads:

Quero agradecer ao Orlando Miranda o convite para participar dessa mesa e também, o CEDIM, pois esse lugar tem uma significação muito especial para a vida do Augusto Rodrigues porque, se nós olharmos a criação artística de Augusto, vai ressaltar a presença da figura feminina, nos quadros, nos desenhos. A mulher ocupa um grande espaço sobre a prancha e sobre a folha de papel. Então, estou me sentindo muito à vontade para estar aqui e falar de Augusto Rodrigues, da Escolinha, da minha relação tão intensa com ambos e quero dizer uma coisa muito importante. Olhando para trás, eu posso ver a antecipação da Escolinha para muitas iniciativas que hoje estão em evidência. Se nós olharmos, por exemplo, para a atual compreensão da arte, uma coisa foi sempre considerada na Escolinha foi a variabilidade da arte. Hoje, já não se compreende a arte de outra maneira, e a Escolinha foi realmente a pioneira nesse tipo de enfoque. Em outros aspectos que poderiam ser aqui enumerados, tive o privilégio de conviver com Augusto durante mais de trinta anos, o que resultou num livro publicado cujo título é *Augusto Rodrigues, o artista e arte poeticamente*. Digo isso com uma ponta de vaidade pelo fato do livro estar esgotado e foi resultante de depoimento e de entrevistas, da convivência diária com Augusto na Escolinha, na sua casa no Largo do Boticário. O editor, o Dr. Ênio da Silveira conseguiu vender 200 exemplares do livro para a Secretaria Municipal de Educação e, com isso, vem sendo difundido nas escolas. Assim, foi uma coisa que pude transferir também para as Universidades onde trabalhei.

Também encontrei um ambiente muito favorável na Sociedade Pestalozzi do Brasil, onde introduzi a arte para deficientes mentais, os Excepcionais e, durante dois anos no Colégio Bennett, o que resultou num artigo que já correu mundo. Não estou aqui fazendo nenhuma exibição nem tampouco dando um show; estou somente mostrando o que pude realizar ao longo de cinquenta anos como professora e pesquisadora, movida pelos propósitos da Escolinha de Arte do Brasil. Então, nos casos das Universidades, segui a sugestão da Dona Zoe que sempre, sempre insistia que a Escolinha tinha que penetrar e desenvolver pesquisas nesse nível de instrução. Na Santa Úrsula, desenvolvi um trabalho pioneiro com mulheres idosas das camadas populares, fizemos exposições, pesquisas que foram publicadas. Conte para realizar esses estudos com o apoio da FUNARTE e neles estudamos a arte popular, a amarelinha, o bordado, as bonequinhas de pano, as flores de papel. Levei adiante tais estudos, porque percebia que era no infinitamente pequeno, no quase nada sugeridos por Walter Benjamin Malfesolil que se sustenta o debate sobre a identidade. Continuando minha trajetória pelas Universidades pude ter o privilégio de ser professora e pesquisadora na Escola de Belas Artes. Desenvolvi com alunos da Licenciatura de Educação Artística um trabalho sobre os espaços expositivos que apareceram na cidade do Rio de Janeiro. O diretor do Departamento BHA, prof. José Augusto Fialho, de quem fiquei muito amiga, queria muito entender o que eu fazia e, de maneira muito generosa, sempre debruçada na leitura, ofereci a ele farta bibliografia sobre o assunto. Um dia ele veio me procurar e reconheceu a importância do que fazia, enaltecendo a figura de Augusto Rodrigues. E mais: disse-me que era mais que importante e mais que merecido porque "Augusto Rodrigues deixou uma obra e isso é raríssimo de acontecer vindo de um artista". Enfim, os alunos se lançaram sobre esse tipo de atividade e, também, num trabalho de pesquisa mais profundo. Gostaria aqui de relatar o que o artista plástico Carlos Zilio ponderou recentemente numa entrevista que fiz com ele que tem



muita ligação com o que estamos tratando, ao me transmitir o que ele vem observando com os alunos da Escola de Belas Artes no nível de graduação. Disse-me ele que a implantação da pós-graduação em artes visuais na Escola fez que os alunos se tornaram inquietos. E isso é muito positivo, porque Augusto Rodrigues me confidenciou que tinha muita vontade de criar um Centro de Inquietação na Escolinha. Então, quando um artista plástico fala sobre inquietação é o fundador da Escolinha que está dentro da Universidade. E isso foi conseguido de uma forma muito serena e os alunos foram aderindo. Os resultados foram extraordinários. Outras escolas se interessam pelo estudo, como é o CAP (Colégio de Aplicação) da UFRJ que participava dos projetos dos alunos da EBA com resultados estimulantes. Na verdade, nos projetos dava-se o desenvolvimento da sensibilidade, a ampliação dos conhecimentos e a oxigenação que vai perpassar as instituições com esses tipos de procedimentos. Por tudo isso, estou muito satisfeita de estar aqui hoje e dá para ver que não clamamos no deserto. As idéias de Augusto Rodrigues fazem pensar naquilo que se lê na Bíblia, i.e. sementes que são geradas como os grãos de areia que se multiplicam à beira-mar. É mais ou menos isso que aconteceu e acontece quando se trabalha e se difunde as idéias do Augusto encarnadas na sua obra que é a Escolinha de Arte do Brasil.



**Fala de Maria Lúcia Freire**

Constitui um enorme prazer estar nesta casa entre novos e velhos amigos da Escolinha de Arte do Brasil (EAB); é sempre uma nova emoção para mim lembrar da Escolinha e de Augusto Rodrigues, seu mentor.

A criação da EAB, relatada por Zoé Chagas Freitas, nos remete à década de 1940, um dos períodos mais

ricos da história político-cultural brasileira; a Escolinha surge no momento de ebulição e inquietação do pós-guerra, do confronto entre movimentos de criação e destruição – contexto que presidiu o modo de pensar de muitos artistas e educadores como Herbert Read e Augusto Rodrigues.

Gostaria de contar a vocês como cheguei à Escolinha de Arte do Brasil e, como professora, deixar aqui o testemunho do que aprendi com a experiência da EAB.

Ainda aluna da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), recebi o convite intrigante de uma amiga para assistir a uma aula de arte de um certo professor, num terceiro andar de uma prédio da Marechal Câmara, não longe da ENBA. Este professor era Augusto Rodrigues. O que vi então me impressionou profundamente. Na sala, trabalhavam juntas crianças de várias idade de 5 à 12 anos, ao lado de crianças excepcionais.

Fiquei impressionada com a liberdade com que elas se movimentavam naquele espaço: pintando, desenhando, trabalhando com argila e, quando necessário, levantando-se e servindo-se de tinta, papel ou de outro material de que precisavam no momento. O “professor” “passava” entre as crianças, conversava ora com uma, ora com outra, observando o trabalho de cada uma com tanta atenção e leveza, que fiquei fascinada. Era tudo tão inusitado e atraente que nesta primeira visita perguntei a ele se poderia voltar... A resposta positiva e acolhedora veio de imediato. Começaria como estagiária.

O clima da sala de aula e a alegria das crianças me traziam a novidade de que a educação não precisava ser “chata”, mas prazerosa. Entretanto, a alegria e a espontaneidade não exluíam o rigor e a seriedade, como Augusto ensinava. Os trabalhos sempre bem apresentados (emoldurados com passe-partout) nas exposições, nas paredes da sala de aula mostravam respeito às atividade desenvolvidas. As conversas com Augusto, depois das aulas, revelavam seu discreto acompanhamento da trabalho realizado pelas crianças e professores. Nada era gratuito ou aleatório.

Na época, ao procurar a Escola de

Belas Artes, pensávamos em nos tornar pintores, escultores, gravadores, artista, enfim. O conhecimento do maravilhoso trabalho de Augusto Rodrigues com as crianças me levou à descoberta da possibilidade de me tornar professora de arte. O prazer de manusear diferentes materiais, o ato de criar, acompanhado de um sentimento lúdico e sério, era então uma experiência nova para mim, sobretudo porque acompanhada de crianças que, ao mesmo tempo, aprendiam e ensinavam. Era bonito ver a relação permeada ora por silêncio, ora por perguntas e respostas que trocavam entre si... Fiquei devendo a Augusto Rodrigues minha profissão de professora. Considero ainda um privilégio ter participado de sua amizade.

**A parte de Rosza Zolads:**

*“A Maria Lúcia tocou num ponto muito importante que é a variabilidade da arte numa país como o Brasil poliétnico e que Augusto percebeu isso desde cedo porque na verdade, ele vinha de Pernambuco onde sempre houve uma grande efervescência em torno do debate da identidade brasileira. Quando Augusto chega aqui, ele não esquece sua ligação com o Recife e ele traz consigo esta experiência cultural. A questão da arte popular, a questão da arte desenvolvida por Dra. Nise da Silveira, tudo isso cabia na perspectiva da diversidade com que ele considerava o campo da arte.”*

**Fala de Fernando Pamplona:**



“Eu quero dizer que eu sou professor. Não era não, mas Campofiorito teve que passar uma temporada na Europa e esteve lá no teatro e disse que eu tinha que ficar um ano no lugar dele. Eu disse uma só e depois caio fora. Não caí e continuei professor. E quando Zaluar ganhou um prêmio e foi



fazer a viagem dele Augusto Rodrigues me chamou para substituir Zaluar que tinha sido meu colega de turma em 1945 quando entramos na escola de Belas Artes juntos. O Zaluar tinha métodos especiais e na Escolinha eu só poderia dar aula as 17h, depois que eu acabava a aula na Escola de Belas Artes, mais só aprendi a dar aula na Escola de Belas Artes com o que aprendi na Escolinha. E eu estou falando sério. Interatividade, que hoje faz parte de qualquer processo de comunicação, Augusto já ajudava a gente a fazer na Escolinha de Arte de 50 anos atrás. Augusto estava cinquenta anos à frente. Mas havia processos que eu não conhecia processos de ensinar e que não sei se criados por Augusto ou por Zaluar ou pelos professores da Escolinha que era uma Escolona, desenho cego, por exemplo. A gente dizia: “- Eu não sei desenhar!” Augusto dizia: “- Você não dança? Não se mexe os braços assim? Então, você já está desenhando no espaço...” Aí, a gente colocava um papel em cima de uma tábua e fazíamos um gesto e ele chamava isso de desenho cego... Tinha outros processos, a gente juntava um monte de papel fino ou de jornal velho que Zoé juntava pra gente pegávamos um cartão e passávamos o lápis de cêra por cima e as formas apareciam surpreendentemente. Os alunos de cinquenta anos, porque eu tinha alunos desta idade, era aluno de tudo que é jeito, ficavam encantados. Não eram só os garotinhos não... O processo de ensinar uma pessoa a desenhar sem a pessoa pensar que está desenhando... Chegou lá uma mulher de uns 60 anos que abriu um papel com aqueles bonequinhos de mão dadas e o Augusto perguntou: Porque você não desenha se você cortou? Então, a coisa era meio anárquica. Às vezes, você se surpreendia com os processos naturais, e quem inventou não sei se foi o Augusto, ou alguém da turma dele, ou o Zaluar, como o trabalho de ilustrar uma superfície inteira com carimbos de batata... Era surpresa para os garotos e para os adultos! Muitas das personalidades já famosas além da Escolinha, iam para lá, pois ali era um centro de reunião de artistas, Ernani Vasconcelos, José Silveira Dávila, Poty, Homero Homem não saía de lá porque gostava de uma

professorinha... O Goeldi trabalhava com Ana Letícia e com uma professora que desapareceu do mapa mas era muito querida chamada Vera Tormento.

Uma vez o Goeldi chegou perto de mim, tomando chope ali no vermelhinho e disse: Fernando, ontem eu morri! Eu disse: larga de dizer besteira e ele continuou: É sério... morri sim. Eu estava ontem em Ipanema eu morri e minha alma saiu assim, eu fui andando pela praia e eu estava morto voando até que vi uma luzinha de um botequim, que chamavam de mau cheiro, onde hoje é o Cabral 1500... Quando eu cheguei tinha o caminhão recolhendo o lixo e o cara gritou sai e jogou um monte de jornal em mim... Eu fui então tomar um cafezinho vendo o sol nascer lá no posto 6 e aí eu vi que estava vivo... Isso é o Goeldi era a própria gravura dele! O Goeldi não precisava ensinar, bastava trabalhar junto. Aquele negócio de aprender como no tempo do colégio interno, quarta parede feito palco de teatro italiano, o cara cagando regra lá em cima gritando: aprenderam por hipótese? É, todo mundo com medo de dizer que não tinha entendido... Coisa horrorosa! Então esta interação de você entrar no meio dos alunos, ida e volta eu aprendi na Escolinha de Arte, que eu não sei se foram inventados lá, ou se foram trazidos por sujeitos como Zaluar e por um grande sujeito chamado Augusto Rodrigues.

O Augusto tinha dois amigos fundamentais: Poty, que na casa de Augusto na Rua das Marrecas gravava as ilustrações para um livro de um garoto chamado Dalton Trevisan e mandava as ilustrações um jornal que tinha no Paraná, um dos primeiros jornais literários do Brasil, que era ótimo, de nome O Joaquim. O nome do jornal era Joaquim! Quem quiser ver a beleza deste exemplares do jornal com texto do Dalton e ilustrações de Poty vá a Biblioteca Nacional porque eram uma beleza, até no sentido amadorístico destes artistas extraordinários quando já extraordinários quando eram garotos. Foi uma convivência muito bonita porque a casa do Augusto Rodrigues era uma casa onde vinha o pessoal de São Paulo quando havia exposição de

Arte Moderna. Rebolo, Ademir Martins... O pessoal chegava direto para casa do Augusto que era um ovinho, muito pequena, e de lá iam para o salão de exposição e depois para o botequim do Manoelzinho Araújo, ou para o Recreio para continuar o que devia continuar... O Pancetti falava a noite toda da musa dele. Só chegava no boteco para falar dela, da musa do momento... Tinha tanta gente na casa de Augusto que ele, às vezes, era obrigado a se hospedar num hotel... Uma vez o Nestor de Holanda contando a história dos que vem do norte, quando Augusto veio de Pernambuco, disse que os quatro que eram o Nestor de Holanda que diz isso no próprio livro, era o Fernando Lobo, o Augusto Rodrigues e o Chacrinha. Eu falei com os quatro e todos disseram que era verdade. Quando o Augusto teve uma casinha na Rua dos Marrecas, dizem que até o Antonio Maria dormia em cima do fogão, porque tudo quanto era miserável intelectual lá de Pernambuco pintava no “Embaixador da Miséria” que era o Augusto... Imaginem, este povo todo junto na Praça XV, juntos, sem ter um dinheiro para tomar um café! O que não devia sair da cabeça pensante destas criaturas que ajudaram a fazer o Rio de Janeiro. Era uma gente maravilhosamente anárquica. Este espírito anárquico talvez tenha influenciado muito a Escolinha de Arte para onde eu fui para ensinar e de repente aprendi. Não apenas com a companhia mas também com os próprios alunos. E, quando eu comprei na primeira exposição o um quadro da Eurídice Bressane, mãe de uma colega de turma da Escola de Belas Artes que entrou comigo em 1945, e o Augusto fez uma exposição, e virou artista nacional. Eu tenho este quadrinho dela até hoje e não sai da minha casa de jeito nenhum. Quando ela morreu as filhas delas quiseram trocar por uns quadros grandes mas eu não quis... Na Escolinha não tinha idade. A idade era a de todo mundo que era aluno. E também tem uma presença fundamental, que foi junto com Poty o maior companheiro do Augusto Rodrigues que foi o José Silveira Dávila que através da influência do Augusto sobre cultura popular, passou para o artesanato e voltou para Santa



Catarina de onde ele veio e fundou o grande Museu do Artesanato do Brasil. A Zoé tem razão quando diz que a primeira exposição de cultura de arte popular foi feita no Ministério da Educação. Setenta por cento do material exposto era do Augusto e o resto de Lula Cardoso Ayres também lá de Pernambuco e do Brennand que tem um castelo maravilhoso em Pernambuco. Tem que conhecer aquela beleza de dar inveja a Salvador Dali.”

### Aparte de Zoé:

*“Recordo de um jogo de futebol que eles todos faziam perto da casa do Augusto, só que, sem bola...”*

### Fernando Pamplona: (continua)

“O Antonioni contou isso... anos depois... Então, era uma loucura até que chegou a geração de Minas com Paulinho Mendes Campos, Fernando Sabino. O Rio atraía todo mundo. Até o presidente da Portela era de São Paulo, o Natal. Era uma confusão de gente onde as mentes brilhantes chegaram aqui e fizeram esta cidade. E o cicerone de quem chegasse era o meu amigo Augusto Rodrigues, no Largo do Boticário ou em Penedo, a penúltima moradia dele... Assim, como já falei demais, o que tenho a dizer é que aprendi na Escolinha de Arte a ser professor da Escola de Belas Artes onde fui também diretor.”



### Fala de Isabela Frade:

“Primeiramente, gostaria de agradecer ao Orlando e Professora Moema a oportunidade. Estou bastante emocionada de estar ao lado destas pessoas fantásticas, construtora de um mundo maravilhoso de educadores e artistas e eu não poderia deixar de dizer isso para vocês, me sinto honrada.

Estou aqui por conta de uma história um pouco mais recente. Em 1948 eu não havia nascido, não participei da formação da Escolinha

mas eu sou resultado de ecos, de uma ressonância da Escolinha. Preparando esta fala aqui para vocês, eu tive consciência de como eu sou afortunada, porque eu fui esta criança sonhada pelo Augusto e pelos educadores que estiveram como pioneiras na criação da Escolinha de Arte do Brasil. Fui aluna de Dolores Campos que veio da Bahia estuar com Augusto, convivi intimamente com Cecília Conde, grande arte educadora e sou filha de Cássia Frade que estudou com Cecília. Estudei numa escola que se apropriou de ensinamentos de Augusto Rodrigues. Muitos de seus professores foram alunos do CIAE. Era a escola Eusylo Meireles que já não existe mais. Era uma escola bem pequena, romântica demais para que pudesse sobreviver a estes tempos liberais e neo conservadores.

Tive sorte de viver o pensamento expandido da Arte/Educação porque, na verdade, a proposta não era ensinar arte e sim viver a arte e a educação através da arte. Era um pensamento maior. Não era só ensinar. Até no depoimento do Augusto que nós pudemos ver aqui, a arte que ele falava não é a arte do museu. Eu tive essa formação e isso veio comigo de forma inconsciente porque nós vivemos um momento de repressão destes ensinamentos. Como a Maria Lúcia falou a partir de uma determinada época, nós vamos ver as críticas à Escolinha, e isto se dá a partir da década de 80, se tornarem hegemônicas. Os professores de arte hoje lêem e pensam na Escolinha como um momento que já passou, que ficou na história e isso não é verdade. A Escolinha agora cresce e o estar aqui com vocês faz ver que este é um momento vivo. Talvez, isso tenha ocorrido por este longo silêncio da Escolinha, fruto de um certo isolamento. É uma delícia estar aqui neste diálogo e ver quanto a Escolinha ainda tem para nos dizer e nos ensinar. Muitas dessas experiências trazem e apontam para novas perspectivas mas isso a gente vai falar mais tarde. Enfim, depois eu pude trabalhar com uma Escolinha de Arte chamada TEAR. Esta escola ainda existe, não é mais uma escolinha mas um Instituto de Arte e ela, nos anos iniciais, foi orientada por Noêmia Varela. Então, ela tinha todo um núcleo de

pensamento baseada em Augusto Rodrigues. Eu só fui conhecer Augusto em um congresso em 1985 na Bahia. A imagem que eu tenho dele foi essa que foi mostrada aqui no vídeo no começo deste encontro. No TEAR nós pudemos fazer experiências próprias, particulares, mas sempre com este vigor da descoberta, o amor à criança, essa troca entre as linguagens. Havia um trabalho de diálogo. Nós nunca trabalhávamos sózinhos, era sempre em dupla ou trio o que era muito interessante. Passada esta fase fui para a Puc fazer o curso de licenciatura em educação artística. Aí, nós tínhamos uma Lei, a Lei 5.692 que colocou a Arte nas escolas como disciplina. O curso de design, na época chamado desenho industrial. Apesar disso nós tínhamos ali uma formação bastante sólida, de experiência com os materiais. Uma experiência bauhausiana muito interessante. Outra questão bastante positiva é a perspectiva do designer de ser uma pessoa que consegue pensar problemas e criar soluções a partir de especificidades de cada situação.

Depois, com muitas pessoas da minha geração, optei pelo concurso público para trabalhar na Rede Municipal de Ensino lidando com dura realidade. Do grande sonho, de uma vivência em pequenos núcleos, quase como uns nichos privilegiados dessa experiência artística, caí num campo árido e penoso da falta de materiais, de espaço com bastante isolamento. Pude então, me atualizar na Uni Rio e fui aluna de Vânia Granja. Em São Paulo na Escola de Comunicações e Artes fui estudar com Ana Mae Barbosa no curso de especialização em Arte/Educação e em seguida iniciei o Mestrado em Comunicação e em 1999 o Doutorado em Ciência da Comunicação. O encontro com o trabalho de Ana Mae foi bastante interessante sob o aspecto de poder fazer um mergulho na especificidade da área de ensino de arte. Por outro lado, eu ainda preciso repensar um pouco sobre este abandono da experiência da Escolinha de Arte do Brasil. Fico satisfeita de estar podendo repensar eu mesma, este momento e estas histórias que vocês estão trazendo são



muito ricas. Eu anotei muita coisa e estas histórias não estão podendo ser esquecidas e elas precisam ser contadas. Quando este material que vai ser editado vai ser bastante útil. Espero que muitas pessoas possam ter acesso aos jornais da Escolinha na Universidade. Em 1993, trabalhando na UERJ no curso de formação de professores e educação artística e há dois anos trabalhando a criação do curso de Pós Graduação em Artes, onde temos a linha de Arte, Cognição e Cultura onde o ensino de arte está integrado a outras áreas do pensamento. Então a gente não vai ter mais a Arte/Educação isolada, mas em diálogo com outras disciplinas. É um desafio para nós. Neste momento estou fazendo uma pesquisa sobre a pedagogia do artesanato. Eu trabalho bastante com cultura popular, portanto, isso tudo começa a ser impulso para que possa olhar para trás e perceber que muitas sementes que foram lançadas por Augusto começam a frutificar hoje. São idéias que eu não vivi diretamente mas que ecoam dentro de mim.”.

#### Aparte de Fernando Pamplona:

*“Nós estamos esquecendo um dos homens mais importantes que este país já teve em matéria de Arte/Educação, provavelmente, o maior educador que o Brasil já teve. Como diz Monteiro Lobato, contando a história do petróleo, que quando o homem descobria o petróleo ele era suicidado (diz brincando), talvez ele tenha sido acidentado. Estou falando de Anísio Teixeira que começou o ensino integrado da Bahia fazendo uma escola extraordinária. O Anísio teve um cargo importante no Ministério da Educação e usando deste cargo ele conseguiu trazer professores do Brasil inteiro, de três em três meses trazia 40 professores de todo o Brasil para fazerem cursos na Escolinha de Arte do Brasil. Ajudava neste curso, complementando, duas pessoas maravilhosas o Ilo Krugli e Maria Clara Machado que não estava acostumada a dar aula e era preciso puxar por ela porque era inibidíssima. No palco ela se soltava, talvez fosse a janela de comunicação. O Anísio Teixeira fez*

*isso e nas minhas viagens ainda garoto, quando eu fazia viagens com a Escola de Belas Artes para Pernambuco, Minas, e eu comecei a observar nas janelas, em vias públicas, as resultantes da Escolinha de Arte do Brasil que foi difundido maravilhosamente ou pela própria natureza da sua criatividade, do exercício ou pelo maravilhoso trabalho que fez Anísio Teixeira quando ainda tinha força no Ministério da Educação, força esta que os milicos cortaram.”*

#### Aparte de Rosza Zolads:

*“Eu gostaria de acrescentar que o Anísio Teixeira deixou escrito que, no campo da educação do Brasil, o que ficará para o século XX serão as Escolinhas de Arte de Augusto Rodrigues.”*

#### Aparte de Zoc Chagas Freitas:

*“A Escolinha de Arte do Brasil e a Escola de Trabalho Manuais do Rio Grande do Norte, uma escola onde a sobrinha de Augusto estudou...”*

### Segundo Momento

## PERSPECTIVAS

#### Fala de Zoé Chagas Freitas:

Vou falar da descoberta da Escolinha por Anísio Teixeira.

Foi uma grande honra eu ter sido o elemento de ligação entre a Escolinha e Anísio.

Ele tinha uma grande admiração por Augusto.

Ainda com Lucia Alencastro, antes que Augusto voltasse da Europa, Anísio começou a enviar professores do Brasil inteiro, para estagiarem na Escolinha de Arte do Brasil.

Naturalmente esse estágio tomou outro aspecto quando Noêmia chegou e implantou com Augusto, o CIAE. O curso anterior, muito menor fora organizado por Lucia e Augusto, antes dele viajar.

Quero falar agora sobre o passado de Augusto, sobre sua infância.

Era um menino muito agitado e o pai o levou a Ulisses Pernambucano, grande psiquiatra, no Recife. Ele mantinha uma intensa



correspondência com vários intelectuais na Europa e aqui no Brasil com Helena Antipoff.

#### Continua Zoé:

Ulisses teve uma grande importância na vida de Augusto. Examinando-o aconselhou o pai que o retirasse da escola porque nela, Augusto não aprenderia nada. Adotou Augusto e foi seu professor. Foi Ulisses quem descobriu que o

menino Augusto gostava de desenhar.

E foi Ulisses que o lançou mais tarde na vida artística.

Ulisses, homem de esquerda, sofreu perseguições, foi preso no período do Getúlio. Foi uma figura ímpar, um libertador do doente mental. Um precursor da Dra. Nise da Silveira. Pena que ninguém se lembre dele.

Voltemos à chegada de Noêmia à Escolinha e temos que aplaudí-la. O CIAE se modifica.

A Escolinha era um celeiro de grande professores e intelectuais que ajudaram muito Noêmia. Faço questão de citar Zaluar e D'Ávila, amigos de todas as horas.

E os frutos cresceram em várias regiões do país.

Cinquenta Escolinhas foram fundadas. Por intermédio do Itamaraty, Augusto era convidado para dar aulas



em vários países da América do Sul e logo depois ele estava fundando Escolinhas de Arte em Buenos Aires, Santiago do Chile, Assunção do Paraguai, Lima, no Peru.

Aqui no Rio a Escolinha recebia alunos de Honduras, Bolívia, Colômbia, Argentina, Peru, etc.

Um trabalho pioneiro de Augusto, infelizmente interrompido depois de 1970, na ditadura militar.

A Escolinha recebia vários professores ilustres de fora. Havia um intercâmbio internacional grande. Maria Fux, bailarina Argentina, que fundara o primeiro ballet de surdos, mudos, deu por vários anos, aulas na Escolinha.

Ilo e Pedro, argentinos, que trouxeram seu teatro de bonecos e que deram aulas muito criativas.

Augusto, em Portugal fundara com Cecília Menano a Escolinha de Arte de Lisboa. Cecília em visita ao Rio foi também professora na Inglaterra. Augusto representou o Brasil na fundação da INSEA órgão da UNESCO, e indicou Noêmia como sua representante.

Na década de 70 e 80, durante oito anos fui a representante da América Central e do Sul, na INSEA.

Foi uma época muito rica para a Escolinha, porque tive a oportunidade de via a todas as reuniões que eram realizadas em vários países da Europa e trazer subsídios para os nossos professores, na Escolinha.

Nessa ocasião, vindo da Inglaterra trouxe o jornal Art e Education, lançado em Birmingham.

Arte e Educação no Rio apareceu pela primeira vez, em setembro de 1970.

Convidei Amée Humbert vice-presidente da INSEA, professora na Universidade de Paris, para vir ao Brasil dar aulas na Escolinha.

O prof. Dr. Robert Wilkin, sociólogo, professor na Universidade de Exeter, em Devon e que escreveu um livro de grande sucesso na Inglaterra "The Intelligence of the Feeling".

Ele veio para presidir o Seminário de Arte Educação do Ministério da Educação, coordenado por mim, como representante da INSEA e Escolinha de Arte.

Tive outro grande prazer de trazer um outro grande professor inglês o

Dean da Escola de Arte de Cardiff. Tom Hudson, que fez tanto sucesso no Brasil, para dar seus workshops e conferências.

E do Brasil chegavam alunos de vários estados e muitas vezes não havia vagas para todos.

A Escolinha se tornou muito conhecida no estrangeiro e os professores quando convidados eram muito bem recebidos.

Coordenei vários seminários organizados pela Escolinha do Brasil e a SOBREART.

Era um trabalho árduo, mas compensador.

Fui nessa ocasião relações públicas, levantava recursos financeiros para realizar esses eventos.

Conseguimos fazer o Primeiro Congresso Latino Americano em 1977 com 3.600 pessoas. O Congresso Internacional da INSEA - UNESCO no Rio de Janeiro com 5.800 inscritos, todos os dois na UERJ em 1984.

O Reitor e os professores da UERJ ficaram tão entusiasmados, que convidaram a Escolinha para realizar o CIAE, na Universidade.

Augusto, Zaluar e eu fomos a favor, mas Noêmia já doente, não aceitou o convite e perdemos essa bela oportunidade.

Alhurwitz, o Presidente da INSEA - UNESCO foi convidado para organizar em Harvard um seminário, cujo tema seria Arte/Educação. Ele me convidou como representante da INSEA na América Central e do Sul, para proferir uma palestra.

Augusto, Noêmia, Zaluar e eu escolhemos como tema, o trabalho realizado no Centrinho do Méier. Meu marido quando soube pôs as mãos na cabeça e disse: "Mas você vai a Harvard falar sobre o Centrinho do Méier?"

Eu respondi: "É, eu vou para Harvard para falar sobre esse tema, e daí?"

Foi um sucesso enorme, porque foi um trabalho pioneiro no mundo, lindíssimo e simples.

Um professor designado para fazer um trabalho no gueto italiano e no gueto grego de Boston tirou muitas idéias do trabalho feito no Centrinho do Méier. Ele quis manter uma correspondência com a Escolinha no Rio, mas infelizmente era tanto

trabalho ali, que não havia tempo disponível para esse intercâmbio.

Todas as vezes que eu ia a Boston ele me procurava. O rapaz acabou assistente de Al Hurwitz.

Nessa ocasião fui convidada para estagiar uma semana no M.I.T., Massachusetts Institute of Technology, para observar uma experiência única no mundo. A primeira experiência da união de Arte e Ciência.

Professores de física trabalhando junto com músicos. E com um escultor de águas, alemão de Colônia. Químicos com artistas plásticos.

Ali, aprendi que a NASA chamou Albers, grande pintor americano, para estudar as cores que a NASA iria usar nos seus engenhos.

Mais tarde na Europa, num Congresso em Rotterdam vi que várias Universidades na Alemanha e na Inglaterra estavam fazendo pesquisas, em Arte/Ciência.

Ao voltar trouxe essa novidade para a Escolinha. Zaluar se entusiasmou com a idéia e com dois cientistas, seus amigos, começaram a planejar uma experiência similar, brasileira.

A morte de Zaluar interrompeu esse início da pesquisa Arte Ciência brasileira.

Eis uma sugestão para a Escolinha: entrar na Universidade e iniciar essa pesquisa.

**Aparte de Fernando Pamplona:**

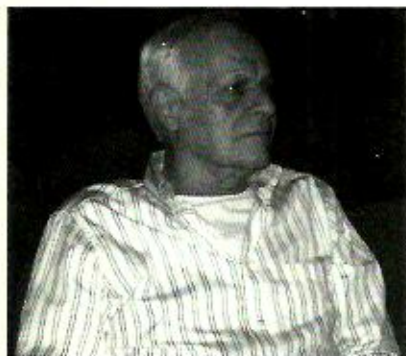
*"A Zoé fez um trabalho muito bonito de restauração do Palácio Laranjeiras. Sabe quem colocou lá em cima dos andaimes para pintar aquelas coisinhas bonitinhas? Augusto Rodrigues e Zaluar, os amigos dela..."*

**Respostas de Zoé Chagas Freitas:**

*"É verdade! Veio um diretora do Louvre visitar e ficou encantada realmente. Mandou até uma carta dizendo que tínhamos grandes artesãos e etc... e eu ri muito porque nós trabalhávamos com pintores que só sabiam pintar com brocha, uns pobres coitados, mas Augusto e Zaluar foram professores excepcionais... O nosso operário, às vezes analfabeto mas de uma criatividade incrível. Muitas vezes, o operário ensinava a Zaluar e Augusto."*



*Na sala de jantar do Palácio tinha uma pintura de claro/escuro. Augusto e Zaluar ficavam pensando aqui de ve ser assim, deve ser isso e vinha o operário de dizia que não era nada daquilo, que eles estavam errados, aqui é assim e aqui assim, e ele estava certo e os artistas errados..."*



**Aparte de Orlando Miranda:**

*"Gostaria de lembrar que a Zoé é a grande incentivadora e responsável também pelo surgimento do Circo Voador na década de 80 na Lapa. Na verdade é mãe do Circo Voador".*

**Aparte de Rosza Zolads:**

*"Perfeito Fortuna é um afilhado!"*

**Aparte de Orlando Miranda:**

*"Gostaria de registrar que, como foi citado aqui o nome de Noêmia Varela informar aos presentes que Noêmia ainda está viva, mas infelizmente muito doente, internada lá em Recife."*

**Fala de Rosza Zolads:**

Gosto muito de propor coisas e levá-las adiante e a Escolinha é um verdadeiro celeiro desse tipo de procedimento. Eu gostaria aqui de me deter na questão da memória e cultura, porque sei que Orlando Miranda, presidente da Escolinha, acalenta um sonho que é o de ver publicada a cronologia da Escolinha de Arte do Brasil. Já demonstrei ao Orlando o quanto me é simpática esta idéia. Transformar esta idéia em um grande projeto da EAB. Essa questão da memória relacionada com a cultura para uma Instituição que logo fará sessenta anos é muito importante. O crítico de arte Frederico Moraes fez uma coisa parecida com a cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro. O verbete Escolinha de Arte do Brasil

ocupa várias páginas nesse livro. Espero que a Escolinha concretize, esta idéia porque a memória e a cultura nas suas conexões com a arte configuram, no dizer de Jean Duvignaud, uma boa química. Assim memória e cultura precisam ser praticadas, senão esquece. A partir daí, vê-se a realização da cronologia da Escolinha de Arte do Brasil, para que não sejam esquecidos os fatos que dão consistência, densidade ao que conseguimos recordar, lembrar. Que bom que está sendo gravado o que está sendo dito aqui. Até mesmo este debate poderá ser incluído na cronologia. Veja bem, a memória e a cultura são exercitadas oferecendo quadros de referências. Ao adota-las, têm-se prêmios, gratificações, sabendo-se que a memória tem limites e todo trabalho de enquadramento nela não pode ser construído arbitrariamente: há um escopo social que nutre o que recordamos, porque eclode de dentro da vida objetiva, da subjetividade e da sensibilidade imersas na sociedade. A Escolinha, como se vê, não fica fora dessas implicações e nelas se reconhece, fazendo que, na cronologia, conforme Frederico Moraes, também interfiram os nosso afetos. Pois bem, eu tenho uma experiência muito singular na arte/educação e, não desprezando as demais experiências, esta da entrada na Universidade e no pós-dourado, quando falo da Escolinha, quando apresentei o memorial sobre o meu projeto de pesquisa "O artista em meio a arte e o indivíduo: trilhas periféricas no imaginário brasileiro", mencionei o Centro de Inquietação, sugerido por Augusto Rodrigues, e a profa Beatriz Resende, com quem trabalho, ficou motivada e acaba de escrever um texto sobre a inquietação. É muito interessante ver no Programa a acolhida desta minha vivência com a Escolinha de Arte no Brasil. O mesmo se dá com a profa Heloisa Buarque de Holanda, que é a coordenadora do PACC. Impressionante é o eco das iniciativas da Escolinha nos mais diferentes níveis de graduação. O que se dá é muita simpatia. Uma coisa que ainda não foi dita aqui é relacionada ao charme de Augusto Rodrigues. Era algo muito pessoal, porque não era uma sedução erótica, sensual, não era. O que se irradiava era uma sintonia

empática que fluía entre as pessoas e, com isso, um sentido gregário que se presentificava em torno das idéias do Augusto. Era interessante observar que todas as mulheres que iam para a Escolinha, as convidadas, colaboradoras se apaixonavam por ele. Talvez, eu tenha sido uma das poucas professoras da Escolinha que não se rendeu ao charme do Augusto..."

**Aparte de Fernando Pamplona:**

*Eu também não!"*

**Continua Rosza Zolads:**

"É verdade. Ele descia na Rua México, onde eu trabalhava inicialmente e ia até a Escola Nacional de Belas Artes, onde em frente tinha a ABI, ia até o café "O Vermelhinho" e subia com uma corte o seguindo até a Escolinha. As pessoas que iam com ele até as salas de aula ficavam paradas olhando, paralizadas com a beleza dos trabalhos das crianças... Então, voltando, eu quero ressaltar aqui a necessidade de realizar-se esta proposta da cronologia da Escolinha de Arte do Brasil. É preciso levar adiante isso. A Escolinha aos sessenta anos oferece o resultado desta busca, desta procura. É mais ou menos o que os franceses chamam "La quede" ou seja, uma busca obstinada de descobrir o cerne das coisas. É um proposta para o futuro da arte/educação para a vida cultural do Rio de Janeiro e do Brasil.

Outro dia eu conversava com Zoé e ela dizia: " - No Brasil tudo é maluco!" E eu dizia que não. Eu me perguntava como é que com uma carência enorme de recursos financeiros a Escolinha conseguiu realizar tudo isso? Eu não diria então que é tudo maluco, eu diria é que no Brasil tudo funciona no avesso e no contrário. Então é mais ou menos isso..."

**Aparte de Zoe Chagas Freitas:**

*"Falei maluco no sentido da maluquice criadora..."*

**Continua Rosza Zolads:**

"Certamente! E o Orlando também certamente, vai realizar esta cronologia porque aqui na frente desta platéia toda ele não disse não. Nós saímos daqui com este compromisso de aprofundar a pesquisa em torno da



cronologia da Escolinha de Arte do Brasil.”

**Aparte de Zoé Chagas Freitas:**

*“Eu esqueci de mencionar que a Escolinha foi fundada na biblioteca do IPASE mas ela não ficou muito tempo lá, talvez somente dois anos e meio. Depois nós fomos para um apartamento na Rua México, um andar onde Lúcia ficou sozinha. O que foi interessante foi que nós fomos despejados deste andar. De vez em quando a Escolinha se mudava para a minha escola, ficava lá alguns meses num esforço conjunto até arrumar um lugar. Nesta ocasião do despejo da Escolinha, meu marido era deputado e pediu uma dotação para a Escolinha. Um dia ele foi almoçar na casa de meus pais e viu na minha escola um cartaz escrito Escolinha de Arte no Brasil. Ele colocou as mãos na cabeça e disse: “Isso é impossível! Como é que eu vou pedir um dotação para a Escolinha se a Escolinha está dentro da sua escola! Você é casada comigo. Eu não posso fazer isso!” Então a Escolinha saiu imediatamente da minha escola para cumprir o que mandava a lei, através do Ministro Meira nós conseguimos a Marechal Câmara. Ele teve uma filha já tarde e viu que a Escolinha já não podia ficar na minha escola e acabava levando as crianças para o Parque Guinle onde nós trabalhávamos naquele ambiente bucólico... O Ministro Meira muito entusiasmado com o trabalho que nós realizávamos com as crianças trouxe a filha para fazer parte deste ambiente e foi extraordinário porque nos cedeu todo o andar da Marechal Câmara. Durante muitos anos nós pudemos ficar lá recebendo os professores e onde tínhamos vários cursos, inclusive de gravura com Orlando e daí saímos para a Rua Carlos Peixoto onde está a Escolinha até hoje.”*

**Fala de Maria Lúcia Freire:**

Mário Pedrosa já alertara sobre o impacto da tecnologia sobre a vida, sobre um “mundo em crise”; preocupação hoje partilhada por aqueles que trabalham com a educação. É bom lembrar que neste sentido, a EAB, assim como as SOBREART, se anteciparam ao promoverem

encontros, seminários e outras iniciativas sobre as relações entre a arte e as novas tecnologias, como por exemplo, a realização dos cursos de Tom Hudson e Aimé Janicot, entre tantos outros. Um dos aspectos mais promissores dessas iniciativas era diversidade de seus participantes: artistas, professores, estudantes, intelectuais, enfim um público interessado em arte, educação e cultura, que partilhava das experiências de confraternização vivida por todos aqueles que procuravam a Escolinha de Arte do Brasil.

Compreendi então a relação do artista com o aluno, do criador com a escola é fundamental. Como coordenadora da área de arte no Centro Educacional de Niterói tive a oportunidade de favorecer essa convivência e trabalhar com artistas como Adir Botelho, Newton Cavalcanti, Celeida Tostes, Rubem Grilo e outros convidados para a realização de palestras, como o crítico de arte José Roberto Teixeira Leite.

Ensinar a crianças parece que hoje se tornou uma atividade “menor”. Parece também que os professores, quanto mais graduados, mais se afastam da realidade escolar, à procura do ambiente acadêmico, enquanto Oswaldo Goeldi, o maior gravador brasileiro, considerado o iniciador de gerações de artista gravadores, cedia seu tempo e aprimorada técnica a quem procurava (também) na Escolinha de Arte do Brasil.

Sempre ouvi críticas identificando a Escolinha como muito “expressionista”, limitando sua prática a um verdadeiro “laissez-faire”, ao trabalhar apenas com a liberdade de expressão. Tais críticos parecem esquecer que a liberdade de expressão das crianças, dos loucos, assim como a dos artistas populares, representa uma conquista das vanguardas históricas da arte moderna, dentre as quais, num primeiro momento, está o Expressionismo.

Num breve resgate do histórico da educação pela arte, lembremos Cizec que, ao trabalhar com a livre expressão em suas classes para jovens de 6 a 16 anos, na Viena do século XIX, herdeira da veia nórdica do expressionismo de Munch, inaugura com o ensino da arte a demanda de

liberdade na educação – movimento que se seguiria no século XX.

Também se critica, sem fundamento, a falta de embasamento teórico-científico da prática da EAB, esquecendo-se da constante preocupação de Noêmia Varella, sua diretora, quanto aos fundamentos teórico da arte-educação como registra a publicação, pelo INEP, do volume “Escolinha de Arte do Brasil”, em comemoração aos 30 anos de sua criação, onde são arrolados mais de 250 títulos fundamentais sobre arte, culturas, sociologia, psicologia, etc. Destaque-se ainda o papel de vanguarda exercido pela EAB ao importar livros em espanhol, da Argentina, divulgando-os entre os estudantes e professores.

Um aprendizado para mim, aluna de pintura da ENBA, foi o uso de diferentes materiais como plantar, pedras, areia, além da tinta, do pincel e do papel; outro, foi compreender a interação das linguagens da arte-pintar, dançar, cantar... – no trabalho criativo com a criança.

Sou de uma família classe média; na minha casa havia livros e se aprendia a tocar piano,

Mas não se cuidava da educação visual. Meu primeiro contato com a pintura foi no museu anexo à ENBA.

Aprendi com Augusto, que “descobriu” Mestre Vitalino e promoveu sua primeira exposição no Rio de Janeiro, a admirar e valorizar a arte popular, ignorada pela ENBA, dada sua origem e tradição elitistas.

Na Escolinha, peças de arte popular “conviviam” com os trabalhos das crianças. Foi lá que vi as mulatas de Heitor dos Prazeres cantarem e sambarem junto a criança... Foi lá que vi, pela primeira vez, uma menina muito pequena, buril na mão, fazendo xilogravuras, arte resgatada pelo modernismo.

A essas memórias, acrescento o que ouvi de um amigo em sua visita a uma das Tróias e que resume todo um aprendizado; diante das ruínas, pergunta ao guia: o que iremos ver? Este responde: depende... se o senhor não tiver nem informação, nem imaginação, verá apenas pedras... Mas se as tiver, verá muitas culturas debaixo delas...

Ao meu ver, o trabalho da Escolinha de Arte do Brasil já sinalizava quanto



a polissemia e integração das diversas linguagens, potencializadas pelas mídias atuais.

O acelerado desenvolvimento das tecnologias audiovisuais tem levado especialistas sobre imagens e enfatizar a destruição de sua estrutura formal, o paradoxo da imagem sem corpo, sua virtualidade, tornando mais veemente a advertência de Arlindo Machado: "Sem um projeto mais específico e estético, as máquinas correm o risco de caírem no vazio".

Com efeito, as mídias audiovisuais são devedoras das velhas linguagens da arte, inventadas e utilizadas pelo homem desde a pré-história. Lembremos que é do gesto que nasce o desenho que registra o pensamento e a emoção, que aquilo que a mão faz, resulta de sua ligação com a cabeça/cérebro.

Nessa perspectiva é que pensamos no resgate do fazer da arte, do corpo a corpo com a sua matéria, da qual a tecnologia nos afasta, em direção à virtualidade.

Este resgate tem de começar muito cedo porque a criança muito pequena ainda já interfere nas imagens e nos sons que ela não produz. Aprendamos com ela!

Conforta lembrar Mario Pedrosa ao se referir a uma nova renascença que chegaria com as novas tecnologias. O homem continua a criar e inventar como sempre, desde os tempos da caverna...

#### Aparte de Rosza Zolads:

"Eu queria lembrar que do ponto de vista da arte com a tecnologia, com a indústria a Escolinha foi pioneira. Quando ela trouxe Tom Hudson, antes dele chegar, houve uma experiência da Formiplac, o pai da artista plástica Marília Kranz, ele era proprietário de uma fábrica de mobiliário que trabalhava com fórmica que invadiu as lojas no Rio de Janeiro. Então o Dávila na Escolinha resolveu aderir a este material e havia uma discussão intensa na escolinha sobre esta questão de utilizar os artistas para fixarem alguma imagem. Essas placas de fórmica é uma folha de papel que é introduzida num forno de alta temperatura que seca a cola que se passa no papel. Os artistas e o Dávila junto mesmo com este interesse da indústria tinha sacas e sacas com

*bonequinhas de papel. Essa coisa da modernidade com a tradição funcionava muito bem dentro da Escolinha porque havia um entendimento intuitivo do Augusto Rodrigues de que arte tem uma ligação eterna com a sociedade e com a cultura.*"

#### Aparte de Zoe C. Freitas:

"A vinda do Tom Hudson por convite da Escolinha foi prova disso porque o Tom Hudson trabalhava dentro da área de tecnologia e arte. Ele chegou aqui no Rio de Janeiro em 1972 e ficou tão entusiasmado que voltou cinco vezes. O Brasil já trabalhava em 1972 a questão da tecnologia."

#### Fala de Fernando Pamplona:

"Eu não vou falar muito não. Só quero contar uma estorinha muito significativa. E Escolinha fazia anos e Augusto chamou as crianças para comemorar hasteando a bandeira e cantando o hino nacional às nove horas da manhã. E veio lá do Mato Grosso o Sílvio Caldas que acompanhou os garotos. Ele ficou horas viajando e eu tive que ir numa farmácia comprar uma gilete para ele fazer a barba. Neste dia a cidade ficou em estúdio de sítio porque o Jango não podia descer. Estava aquela angústia na Escola e no momento que o Sílvio Caldas e os garotos cantaram o hino nacional e um deles subiu a bandeira naquela cobertura na esplanada em frente ao Ministério da Aeronáutica e a turma formada lá em baixo o Jango desceu e a tropa fez continência para ele. Era um prenúncio do futuro que eu acredito que hoje possa haver também."

#### Fala de Isabela Frade:

"Eu queria falar um pouco sobre este passado recente que é sobre a expansão das idéias da Escolinha nos anos 80. Começa a experiência da arte dentro das escolas como disciplina escolar, como campo de conhecimento. Daí é que vêm os crescentes cursos de pós graduação, de cada possível abordagem em Arte/Educação, o aprofundamento nas especificidades. Nos anos 90, a gente já começa a ver emergir um pensamento complexo, mais ou menos o que estavam sendo falado aqui

sobre arte e tecnologia. A arte é humanização das tecnologias, é apreensão do trabalho como expressão humana. Não existe este divórcio entre arte e tecnologia. O que se vive hoje é o impacto de uma evolução tecnológica muito rápida. Ficamos com medo do avanço tecnológico. Chegamos ao ponto do descentramento de nós mesmos, de perda dos referenciais da cultura, de deslocamentos muito rápidos, de isolamento do real. É uma experiência indireta de 2º, 3º, ou 4º. grau.

A nossa experiência do real hoje se dá muito mais partir das imagens que se tem desse real. Muitas vezes se acredita muito mais no que está na televisão do que naquilo que a gente vê. Nós não conseguimos mais viver sem os nossos aparelhinhos que a todo momento estão nos tirando do que estamos fazendo ali naquele momento. Ninguém consegue mais viver sem um celular. Estamos vivendo o descolamento de nossa própria experiência corpórea e nos deslocando para um espaço de pura imagem. Sejam estas imagens sonoras, visuais, ou táteis, elas são formas de segunda mão, reflexos em fragmento da experiência real."

#### Aparte de Maria Lúcia:

"Isabela, eu acho que hoje as pessoas tem mais pena do personagem da novela do que do vizinho de quem ele não sabe. Mas ele sofre como o personagem da novela! Incrível!"

#### Continua Isabela:

"É verdade. As vezes você vê um artista na rua e pensa que conhece. Não conhece. Você apenas viu. Aliás, a TV foca muito de perto mas é curioso: esta é uma aproximação para ouvir e para pensar. Vivemos um fluxo muito intenso, quase vertiginoso. A sensação que dá é que se está num furacão, saindo de si e perdendo uma experiência e a experiência do outro? Nós temos uma ampliação das nossas experiências que estão numa ordem de multiplicação muito grande. Isto Augusto Rodrigues não viveu mas deixou para nós uma coisa importantíssima que pode ser bastante útil agora: a noção de que a força simbólica que a arte tem que pode gerar este encontro consigo mesmo e



de encontro com o outro. Vamos lembrar que Herbet Read baseava suas pesquisas no estudo de Jung, nos arquétipos, nas imagens internas e isso é uma questão que pode nos trazer respostas para uma educação no futuro.

“Selecionei uma texto que diz:

“Tudo se faz com a imagem . E entre a revelação e ao ocultamento do real existem mil afinidades. Criam-se cada vez mais novos véus. Cada um novas e muitas coisas. De uma outra natureza constituída de virtualidades. Enquanto o contato com a realidade mateial se esgarça e se dilui o contato com o símbolo, a imagem em sua dimensão mais profunda também se rarifica. Sofremos uma processo de deslocamento desse outro real que é a dimensão simbólica. No processo promovido pela mídia televisiva o evento real perde as coordenadas na medida em que se desloca no tempo e no espaço destando seus vínculos com o contexto original. O real se transubstancializa em virtualidade. Perdemos a capacidade de significá-lo e conhecê-lo a não ser pela experiência midiaticizada.” Na verdade, hoje nós nos conhecemos muito mais a partir dessa constituição constituição de realidade como imagem do que a partir dos nosso devaneio, dos nossos pensamentos e de uma expressão própria. Houve muito desprezo pelo movimento expressionista e este movimento agora tem que ser resgatado. Talvez seja isso que possa via a ser a nossa via para que possamos atravessar o futuro de uma maneira menos desordenada, menos caótica e sofrida, e se não pudermos mais criar raízes para que a gente possa se soltar de uma maneira mais tranqüila... O Paul Virilio escreveu um livro chamado O Espaço Crítico onde ele fala que o que hoje constitui a nossa percepção é aquela imagem azulada das telas dos vídeos e da televisão. Hoje, não há mais história, pois ela se faz como coisa instantânea como no tempo das coisas que acontecem na televisão. Tudo muito rápido, passou, acabou, Então tudo vira coisas que acontecem na televisão. Tudo muito rápido, passou, acabou. Então tudo vira uma zona acinzentada. Nós estaríamos vivendo um momento crítico de perda de memória, perda de sentido e talvez

isso signifi que a fonte dessa violência. Interessante: quando eu entrei aqui e li aquele trechinho do depoimento do Augusto, quando ele fala da importância da educação pela arte para a paz, que coisa bonita! Fantástico como isso nos fala agora, pois também estamos vivendo um tempo de guerra hoje, quase virtual, que se assiste pela televisão mas traz uma insegurança enorme e uma perda de sentido e que se assiste pela televisão mas traz uma insegurança enorme e uma perda de sentido e força para prosseguir. A universalidade desejada que Augusto coloca de como é importante conhecer o outro, se abrir com o outro. Essa experiência da relação com o outro precisa ser trabalhada e depurada. Temos hoje essa vertente contemporânea no ensino da arte que é a vertente multicultural. E isso já estava em semente nas proposta da Escolinha. Ela pode ser expandida e aprimorada. Aprender a conviver com as diferenças é a grande tarefa sobre a qual devemos nos lançar.

Também precisamos parar de pensar na arte como uma coisa única, uma entidade supra real. As artes são múltiplas. Algumas delas muito ligadas à nossa experiência do cotidiano, aos fazeres mais simples, ordinários do dia-a-dia, outros mais extraordinários e é para isso que precisamos nos abrir. Hoje deveríamos falar em artes e não em arte. Importante pensar que é um mundo múltiplo e olhar para este mundo com olhos de criança, continuar com aquela perspectiva de criança. E só para lembrar de um pensador com o qual tenho trabalhado muito que é o antropólogo Clifford Geertz, que vai dizer que para se entender a arte é preciso penetrar no universo onde estes artefatos forma produzidos. Precisamos aplicar, a etnografia do processo de constituição dos artefatos artísticos. Olhar o movimento das pessoas porque ali está cheio de significados e que é fundamental que a possamos perceber. Não é só olhar a produção, o artista. Hoje a arte/ educação começa a ver o consumos estético como uma experiência bastante interessante. Se antigamente a gente olhava o artista e a produção, hoje se olha os locais de distribuição destes objetos de arte, lugares de consumo. Importante a experiência

dos museus desde a década de 80 se constituindo como uma experiência muito importante. E a arte não tem um sentido único ela perpassa várias experiências humanas, fato sempre vivo e dinâmico na constituição do sentido.

E o professor de arte hoje? Quem é esse sujeito? Hoje se pensa no professor de arte como um mediador. No passado, nos anos 80, nós tínhamos uma arrogância de achar que poderíamos descartar as experiências passadas e hoje nós retomamos a e reavaliamos. E este é o momento da Escolinha voltar a ser viva e comunicante. A arte/educação é uma aposta num processo e como disse Augusto, um processo não tem fim. Muitas vezes condenada por ser expressionista, a Escolinha nos deixou um belo legado. O que podemos reter de mais positivo é sua qualidade transdisciplinar porque quer abarcar a totalidade. Quando eu amplio a minha linguagem eu amplio o meu ser e minha condição de pensar o mundo. Nesse mundo de fragmentos, nessa visão caleidoscópica do mundo, condição de perceber o todo, a gestalt, é fundamental.”

#### Encerramento de Anna Maria Rattes:

“Eu não sei como encerrar estes trabalhos porque na verdade estes trabalhos não se encerram... Pelo contrário estamos começando toda uma reflexão sobre um trabalho de criação, de elaboração, de forma de como se detectar como se mostrar a produtividade da expressão deste mundo moderno, tão tecnológico e de certa forma, frio. Então o CEDIM está se propondo aqui enquanto cenário e espaço, enquanto ambiente, a que vocês coloquem a criatividade que é enorme, para funcionar e repensem muito propriamente todo esse futuro do destino da Escolinha e da Arte/Educação. É muita coisa para fazer daqui para a frente. Desejo que o momento seja bastante profícuo, rico e que muita coisa boa saia daí. Não vamos terminar não, Orlando! Parabéns aos expositores da mesa, ao Orlando que tem esta tenacidade de continuar este trabalho, a platéia e a todo nós que acreditamos que educando se faz arte e fazendo arte e faz cultura e educação.”





**ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL**

**58 ANOS DE ARTE  
NA EDUCAÇÃO**

